

CLÁUDIO SALVADOR LEMBO

**ELOGIO
AO BACHAREL**

UNIVERSIDADE MACKENZIE

SÃO PAULO

1973

Jovens Bacharéis,

Nesta Universidade, durante cinco anos, Alunos e Mestres, irmanados no mesmo sentimento de amor ao Direito, percorreram as veredas das múltiplas disciplinas e, por estudarem a Ciência do Direito, reflexo maior da própria evolução do homem, em sua trajetória histórica, afirmaram-se estes e transformaram-se aqueles, sem muitas vezes se aperceber, em humanistas, ou seja, crentes no primado do homem sobre a natureza e, o mais importante, sobre as suas próprias conquistas técnicas.

Neste fato, sem dúvida, coloca-se a grandiosidade do momento que, neste instante, vivemos. Cada um dos formandos, após vicissitudes e vitórias, atinge o título de bacharel em Direito, suporte maior do humanismo brasileiro. A partir deste título universitário, inúmeras são para os formandos as possibilidades nos campos do mundo. Multifacetado, porque é aquele que bem conhece os reflexos do homem, o bacharel em Direito poderá ocupar, hoje, não só as funções tradicionais inerentes a seu grau,

Oração de paraninfo da Turma de 1972 da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie.

como aquelas surgidas em razão das próprias transformações sócio-econômicas. Ele, por exemplo, está se tornando uma figura central, na grande empresa.¹

É fácil a explicação da sobrepujança social do bacharel, mesmo que, por vezes, esta pareça em declínio. O bacharel, porque maneja o Direito, fonte de harmonia, permite o perfeito relacionamento dos homens e afasta, conseqüentemente, os conflitos do convívio interindividual e coletivo.

Aí está a própria História do Brasil a refletir a importância do bacharel na criação de um todo social harmônico.² Por felicidade, este País, durante largo período de sua formação, viveu sob a égide do bacharel, que, a partir de variados elementos, deu contextura à alma coletiva,³ plasmando-a de acordo com a doçura e espiritualidade do homem brasileiro.

Agora, porém, que os tecnocratas, aqui e ali, assumem postos de relevo no comando social, é necessário, sem negação romântica da técnica e sem impulsos reacionários,⁴ se enalteça o papel do bacharel no nosso passado, a fim de que se possa considerar sua importância no atual estágio de desenvolvimento. Quando o Brasil decola para a posi-

1. Mills, C. Wright — *A Elite do Poder*, 2.^a ed., Zahar Editores, pág. 161.

2. Bastide, Roger — *Brasil Terra de Contrastes*, Difusão Européia do Livro, pág. 28.

3. Holanda, Sérgio Buarque — *Raízes do Brasil*, 4.^a ed., Editora Universidade de Brasília, pág. 170.

4. Berdiaeff, Nicolas — *Reino del Espiritu y Reino del César*, Aguilar, pág. 53.

ção de primeira potência surgida no hemisfério sul, é preciso, mais que dantes, proclamar a imperativa importância de se salvaguardar os valores básicos da civilização brasileira, onde a espiritualidade pesa muito mais do que meros aspectos materiais.⁵ E, sem dúvida, ao bacharel, humanista por formação e por antecedentes históricos, caberá a suprema tarefa de condicionar as conquistas técnicas à alma nacional, permitindo, assim, que o avanço da técnica não aniquile o homem, como vem sucedendo em outros países, que não tiveram a ventura de viver, durante largo período, sob o primado exclusivo do bacharel. É feliz, portanto, esta Nação que, após plasmar sua alma coletiva, tendo como norteador os valores maiores do homem perante o mundo, atinge o desenvolvimento tecnológico. Aqui, este não causará malefícios maiores. O homem brasileiro está consciente de que as vitórias da técnica, obrigatoriamente, terão que se submeter à vontade do homem.

O humanista, representado na nossa História, de maneira primordial, pelo bacharel, saberá subordinar as conquistas materiais aos desejos e às aspirações do homem nacional.

De importância, pois, desmedida é esta solenidade de formatura de novos bacharéis. São novos humanistas que integrarão a sociedade brasileira, permitindo-lhe, como defensores maiores de seus valores culturais, a continuidade da caminhada

5. Calógeras, J. Pandiá — *Formação Histórica do Brasil*, Companhia Editora Nacional, 7.ª ed., pág. 301.

histórica deste País, sem a despersonalização de sua consciência coletiva.

Por outro lado, ao bacharel, recordando-se de que, acima de tudo, é um jurista e este não é "um conservador de velhas formas fora de uso, como se fosse um guarda de um museu de antiguidades, mas bem ao contrário, um vivo intérprete dos tempos",⁶ cabe conferir ao País uma estrutura político-legal, de conformidade com suas tradições e anseios, afastando-se, para isso, de modelos estrangeiros desassociados de nossa escala de valores e dos sentimentos nacionais. Caso a esta tarefa venha se dedicar, com primazia, o bacharel deverá ter em mente, como ensina estudioso de nossos assuntos sociais, que "o Estado, entre nós, . . . necessita de pujança e compostura, de grandeza e solenidade, ao mesmo tempo, se quiser adquirir alguma força e também essa respeitabilidade que nossos pais ibéricos nos ensinaram a considerar a virtude suprema entre nós".⁷

Nobre, pois, mais esta tarefa atribuída ao bacharel, isto é, a de conceder perfeita estruturação jurídica ao Estado brasileiro, permitindo-lhe que "as peças de seus mecanismos funcionem com certa harmonia e garbo".⁸

Colocadas as inúmeras missões confiadas ao bacharel em nosso passado histórico e no nosso pre-

6. Calamandrei, Piero — *Opere Giuridiche*, Morano Editore, vol. I, pág. 599.

7. Holanda, Sérgio Buarque — ob. cit., pág. 170.

8. Holanda, Sérgio Buarque — idem, *ibidem*.

sente imediato, após muito indagar, cumpre dar resposta a ato, que traz, em seu bojo, a alegria da homenagem e a angústia da grandeza. Trata-se da elevação, do mais simples dos mestres, à alta colocação de paraninfo. À indagação, resposta é oferecida por professor-estadista que, com a pureza da alma luziada, recorda:

“Entre as virtudes dos homens estão todas as formas de amor e, nestas, a amizade ocupa lugar cimeiro. As universidades (-e a Mackenzie mais que outras, afirmo com convicção-), foram sempre escolas de amizade”.⁹

Aqui, nesta Universidade, centenária a contar de seus primórdios, a amizade alunos-mestres é uma constante e esta amizade, forma de amor, sempre presente no relacionamento entre discentes e docentes, sublimou-se na figura singela do paraninfo escolhido, que, carente de outros valores, excedeu-se, sempre, na outorga contínua de compreensão e estima a seus amigos-discípulos, pois, ama a juventude por sabê-la o “vir-a-ser” constante desta Nação, a quem o destino concedeu a inafastável e grandiosa tarefa de conservar os valores do mundo latino, hoje duramente ameaçados.¹⁰

Por outro lado, é sabido que, na árdua tarefa de ensinar, a transmissão do conhecimento ainda não mereceu uma explicação satisfatória.

9. Caetano, Marcello — *Mandato Indeclinável*, Verbo, pág. 234.

10. Bastide, Roger — ob. cit., pág. 250.

Afirma estudioso do assunto que “a base para um ensino vitorioso continua sendo um mistério”.¹¹

Aceito, pois, minha elevação a figura de paraninfo não como projeção de qualidades não possuídas, mas, sim, como um “mistério” — que permitiu o perfeito relacionamento entre os formandos e o escolhido, que, espero, tenha atingido um ensino vitorioso.

Quero, agora, formular aos amigos, que se vão para embates, vitórias e, por que não, por vezes, agruras, uma lembrança: não imaginem vencer, no mundo profissional, se antes não se debruçarem sobre si mesmos e dominarem seu próprio interior. Ninguém domina a imensa quantidade de poder hoje colocada à disposição do homem, se antes não houver dominado a si mesmo. E este domínio, falo com a simplicidade que sempre caracterizou nosso convívio, somente é obtido, ousado dizer, nestes tempos de agressivo materialismo, mediante o meditar e o rezar.¹² A espiritualidade, inerente a todo homem e assentada no homem brasileiro, está sendo sufocada. Sei, porém, que os alunos da Universidade Mackenzie, oriundos de firmes estruturas familiares, ousarão contestar os tempos e guardarão a lembrança-pedido de seu paraninfo.

É preciso salvaguardar os valores culturais brasileiros e aos bacharéis em Direito, de forma

11. Hardison Jr., O. B. — *O Ensino de Humanidades — O Ensino Superior — Teoria e Prática* — William H. Morris, organizador, Zahar Editores, pág. 85.

12. Guardini, Romano — *El Poder — Un Intento de Orientación*, *Los Libros del Monograma*, pág. 143.

marcante àqueles que, neste instante, deixam esta Universidade Mackenzie, porque, no decorrer das lutas da vida, saberão meditar e lançar preces, caberá cumprir esta difícil tarefa. Conheço-os, a cada um em particular, e, por isto, estou confiante no amanhã.